

fazer história contemporânea

ESTUDOS DO SÉCULO

XX

número 11 • 2011

Pensar a História da Europa  
Reflexões sobre a construção europeia  
de um destino comum

Isabel Baltazar

**Isabel Baltazar**, Doutora em História e Teoria das Ideias, Especialidade de História das Ideias Políticas pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Bolseira de Pós-doutoramento da FCT. Investigadora do CEIS20.  
E-mail: [ibaltazar@fcsh.unl.pt](mailto:ibaltazar@fcsh.unl.pt)

No caminho ascendente,  
Puxada, pendurada no braço das suas irmãs mais velhas  
Que a levam pela mão,  
A pequena esperança  
Avança...  
E a meio... parece deixar-se levar,  
Na realidade é ela que leva as outras,  
Que as arrasta,  
Que faz andar o mundo.  
É ela, esta pequenita, que tudo arrasta  
Tudo morreria de cansaço,  
Esta enorme aventura,  
Como, após uma ceifa ardente,  
A lenta descida de um entardecer de Verão  
Se não fosse a minha pequena esperança...

Romain Rolland, *Péguy*

## Fazer a História da Europa

Fazer a História da Europa Contemporânea, muito particularmente, a da Europa Unida, levanta tantos problemas quanto desafios. Realidade sentida, sobretudo, quando a Europa se encontra numa encruzilhada. E esta Europa, apesar de jovem, quando comparada com a velha Europa que lhe deu vida, tem (sobre) vivido de problemas que a acordam para as suas raízes bem fundadas pela sua História, e para uma realidade europeia “inventada” que continuamente sente as suas limitações. É nesses momentos que procura encontrar uma solução recorrendo sempre ao passado. Como diz Eduardo Lourenço, “Só temos o passado à nossa disposição. É com ele que imaginamos o futuro”<sup>1</sup>. E acrescenta que “o pensamento de um Futuro ou, mais modestamente, a imaginação dele, pois só assim nos é dado o que não existe nem existirá jamais, é função dos *passados*, nenhum idêntico, a partir de cuja morte ou metamorfose antecipamos ou inventamos a figura específica do Futuro”<sup>2</sup>. Haverá futuros? A resposta é afirmativa: “Haverá futuros. Já os há, pois, a títulos diversos, o cálculo, a esperança, o sonho, a utopia, que são a sua substância já incorporada no nosso presente, coabitam connosco e guiam todos os nossos passos e pensamentos... É difícil chamar Futuro ao porvir de quem não teve realmente passado”<sup>3</sup>. A Europa tem esse passado. A civilização europeia é formada pelo conjunto de todos os tempos passados. É preciso levar para o Futuro o passado, essa memória universal, a partir da qual nascerá o futuro. Mas a marcha para o futuro só é possível para quem teve passado.

---

<sup>1</sup> LOURENÇO, Eduardo - *Nós como futuro*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1998. p. 7.

<sup>2</sup> Idem, *Ibidem*. p. 9.

<sup>3</sup> Idem, *Ibidem*. p. 9-10.

## Escrever a História da Europa: entre o tempo/realidade e o tempo/escrita

Tão difícil como escrever a História da Europa é a própria escrita de qualquer História. Como lembra José Mattoso, “a História por mais expressiva que seja, por mais ligada ao fascínio do que o passado hoje permanece, a História não é a realidade. A escrita não é senão um conjunto de palavras evocadoras de sons que pretendem lançar uma ponte entre o sujeito e a realidade”<sup>4</sup>. A História da Europa sofre o mesmo problema: que realidade conseguimos transmitir dessa Europa? Apenas somos mediadores da realidade, ou seja, as palavras que usamos para tentar transmitir essa realidade. Ou, como acrescenta Mattoso, “como sons mediadores que pretendem ser, convidam a descobrir a realidade. Não podem tentar encerrá-la nem dominá-la”<sup>5</sup>. Os nossos discursos sobre o passado são já filtrados pelo tempo. O tempo passado entre a realidade e a escrita da História: as palavras “não podem tentar encerrá-la nem dominá-la. Tendo colocado em cena um aspecto do real, havendo tentado subtraí-lo à acção destruidora do tempo que tudo sepulta no passado, os discursos têm, depois, de se apagarem, para deixarem ver, na revelação directa a *espantosa realidade das coisas*”<sup>6</sup>. Somos mediadores da realidade. As palavras precisam de silêncio para a escutar.

### O que é a Europa?

Esse passado, é também, ele tão enigmático quanto a própria Europa, desde quando a mitologia grega a define como filha do rei da Fenícia, o actual Líbano. É conduzida até Creta por Zeus, metamorfoseado em touro. A expressão *Europa* aparece pela primeira vez num texto de Hesíodo (século VIII a.C.), sem, no entanto, se compreender as razões de atribuição deste nome ao velho continente. A Europa sempre teve significações diferentes ao longo da História. Do ponto de vista geográfico, a Europa define-se pelas suas fronteiras, fronteiras estas que foram evoluindo à medida que se ia descobrindo este continente. A Europa aparece como uma península da Eurásia: vista da Ásia, a Europa aparece como uma península ocidental do antigo continente, a Eurásia. Fica situada de Oeste a Este e estende-se do Atlântico aos Urais. De Norte a Sul, abrange as regiões entre o cabo norte e Creta. A inclusão da própria Rússia na Europa vem confundir, ainda mais, os limites da Europa nos Urais. Mas não são só as fronteiras orientais que são imprecisas, em que a Europa se funde nas estepes e florestas da Sibéria que chegam até à Mongólia, à China e ao Oceano Pacífico. Toda a sua aparência é cheia de relatividade e a sua visibilidade inconstante.

Desde a sua origem mitológica, na Grécia da Antiguidade Clássica, a história da Europa atravessou o tempo com sucessivas mudanças, provocadas desde logo com a divisão entre o Império Romano do Ocidente e o Império do Oriente, no século IV da era cristã (392) provocando a primeira ruptura na unidade europeia. A posterior queda de Roma no século V (476), e a consequente desintegração do Ocidente, vai

---

<sup>4</sup> MATTOSO, José - *A escrita da História. Teoria e Métodos*. Lisboa: Editorial Estampa, 1997. p. 30.

<sup>5</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>6</sup> Idem, *Ibidem*.

acentuar a divisão do mundo antigo. A unidade da Europa Ocidental da Idade Média terá ainda uma outra ruptura com a revolução religiosa no Crescente Fértil que dará origem à conquista Árabe – Muçulmana de parte da Ásia e África do Império Romano e a uma migração da Europa para Ocidente. Neste contexto, o Cristianismo teve um profundo papel aglutinador e civilizador. A Europa era sobretudo uma expressão geográfica, substituída essencialmente por Cristandade e Ocidente. É no Renascimento que a expressão Europa vai recuperando o seu sentido original, embora tenha sofrido uma metamorfose geográfica. A recuperação da cultura clássica greco-romana foi fundamental para a emergência de uma consciência europeia aliada ao Ocidente cristão. É, também, o momento do nascimento de um espírito europeu, que, contrasta com o asiático, ou, africano, que a expansão vai proporcionar. Saliente-se, ainda, o laicismo dos séculos XVII e XVIII, época em que a Cristandade Ocidental entrou em colapso, levando à divisão entre Católicos e Protestantes. É o princípio da separação entre poder religioso e poder político que será consumado no Iluminismo.

A Europa passa a designar uma Civilização Ocidental que contrasta com o Oriente, sendo definida no século XIX, como um continente euro-asiático. Após a II Guerra Mundial, ficam bem determinadas duas Europas – a Ocidental e a de Leste. A Europa do Atlântico aos Urais, designaria a Europa das Pátrias, ou seja, o mundo livre do Ocidente. Só na década de oitenta surgiria a ideia da “Casa Comum Europeia” para incluir a influência da ex-URSS no espaço europeu. O fim da Guerra Fria mostra a necessidade de pensar a Europa fora da anterior dicotomia Europa Ocidental/Europa Oriental, motivada pela desagregação da ex-União Soviética.

A União Europeia vai sofrer o maior alargamento da sua história, mostrando a sua evolução política e, também, cada vez mais, os seus limites geográficos, culturais e civilizacionais. Estaremos finalmente a caminho da Pan-Europa proposta pelo conde austríaco Ricard Coudenhove-Kalergi e à via multiculturalista<sup>7</sup>? Ou terá razão a tese ocidentocêntrica de Samuel P. Huntington<sup>8</sup>? A Europa será toda a Europa ou o Ocidente Europeu?

A evolução da Europa está dependente das relações internacionais, ou seja, da estratégia geo-política que vai sendo estabelecida *inter nationes*, o que mostra a fragilidade da sua história. Fazer a História Contemporânea da Europa pressupõe um entendimento da sua complexidade e, por isso, da conjugação de visões diferentes. Na actualidade, coexistem os que acreditam nas virtualidades da Pan – Europa, ou seja, numa Europa integradora de toda a Europa, e outros, para quem a cultura europeia é sinónimo de cultura ocidental. Esta Europa é a Europa dos valores europeus, da liberdade, da democracia, da economia de mercado, da justiça e da tolerância.

*Quo vadis Europa?* A Europa do século XXI é uma Europa em constante mutação, uma Europa que levanta problemas a quem tiver uma única visão para a Europa. Esta Europa provoca o debate sobre temas e problemas da História Contemporânea.

---

<sup>7</sup> Veja-se COUDENHOVE-KALERGI, Richard – *PanEuropa*. Madrid: M. Aguilar Editor, 1928.

<sup>8</sup> Veja-se HUNTINGTON, Samuel P. - *O Choque das Civilizações e a Mudança na Ordem Mundial*. Lisboa: Gradiva, 1999.

Nesta discussão, historiadores, pensadores e políticos, podem sustentar posições aparentemente inconciliáveis. É este o Desafio da Europa do século XXI.

## As metamorfoses da Europa

Edgar Morin pensa a essência da Europa a partir da sua origem e posterior evolução. A Europa sofre uma metamorfose como um ser vivo. É comparada com a transformação da lagarta em borboleta. O primeiro ser fecha-se na crisálida e dará origem a um ser totalmente novo. Também a Europa se vai modificando em várias “Europas” sem, no entanto, se reconhecer o seu princípio original:

Na origem da Europa não há um princípio fundador original. O princípio grego e o princípio latino vêm da sua periferia e são-lhe anteriores; o princípio cristão vem da Ásia e só desabrochará na Europa nos fins do seu primeiro milenário. Todos estes princípios terão de ser agitados, sacudidos, misturados, na barafunda dos povos invadidos, invasores, latinizados, germanizados, eslavizados, antes mesmo de se associarem e de se oporem.

Se procurarmos a essência da Europa, mais não encontraremos do que um “espírito europeu” evanescente a assepsizado. Acreditar desvendar o seu autêntico atributo é ocultar um atributo contrário, não menos europeu. Deste modo, se a Europa é o direito, é também a força; se é a espiritualidade, é também a materialidade; se é a moderação, é também a *ubris*, a desmesura; se é a razão é também o mito, incluído no seio da ideia de razão.

A Europa é uma noção incerta, nascida da barafunda, com fronteiras indefinidas, de geometria variável, sofrendo deslizos, rupturas, metamorfoses. Trata-se, por conseguinte, de interrogar a ideia de Europa justamente naquilo que ela tem de incerto, de turvo, de contraditório, para tentar extrair daí a identidade complexa.<sup>9</sup>

Contrariamente à borboleta, a Europa não se sabe como nascerá nem o que nascerá dela; são as incertezas da história que vão assinalando o seu percurso. Mas como na lagarta, é preciso a destruição de uma realidade -Europa, para nascer outra. Muitas vezes, são destruições totais, como nas grandes guerras, para nascer de novo. Esta Europa nunca conclui o seu ciclo: parece eternamente na crisálida. Sobretudo o seu destino político.

## A Europa: entre a Unidade e a Fragmentação

A Europa é, também, um conceito político, que foi evoluindo na História, com períodos de maior unidade e outros de maior fragmentação. Entre a unidade e a fragmentação estava uma ideia de Europa e/ou uma ideia para a Europa, atitude que, aliás, permanece plena de actualidade, entre os que idealizam uma Europa mais unida e os que preferem uma maior fragmentação. Mas a unidade da Europa é uma realidade

---

<sup>9</sup> MORIN, Edgar - *Pensar a Europa*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1988. p. 33.

indiscutível, como afirma Ortega Y Gasset em 1930: “A unidade da Europa não é uma fantasia. É a própria realidade. E o que se tornou fantástico foi precisamente a tese oposta: a ilusão de que a França, a Alemanha, a Itália ou a Espanha são realidades substantivas, independentes”<sup>10</sup>. E acrescenta: “Foi o realismo histórico que me levou a reconhecer que a unidade da Europa como sociedade não é um *ideal*, mas um *facto* – e bem antigo. A partir daqui, a probabilidade de um Estado europeu impõe-se mecanicamente”<sup>11</sup>.

Para Lucien Febvre, a Europa é um Estado de sonho. Diz o historiador:

Não chamo Europa a uma formação política definida, reconhecida, organizada, ditada de instituições fixas e permanentes, que assume, se se quiser, a forma de Estado ou super-Estado, formação com que os Europeus, ou pelo menos certos europeus, podem muito bem ter sonhado por vezes, mas que nunca passou de um Estado de sonho, a qual, por conseguinte, devemos perguntar se está votada a tornar-se realidade ou condenada a permanecer como sonho; chamo Europa simplesmente a uma unidade histórica, uma unidade que se construiu em data fixa, uma unidade recente, uma unidade histórica que aparece na história, sabemos exactamente quando, uma vez que a Europa, neste sentido, a Europa tal como a definiremos, tal como a estudamos, é uma criação da Idade Média; uma unidade histórica que, como todas as outras unidades históricas, se faz de diversidades, de pedaços, de restos arrancados a unidades históricas anteriores.

Essa Europa, esta Europa que é a sede de um mundo, como costumamos dizer, o mundo europeu (isto é, um ordenamento: *mundus* em latim, *Kosmos* em grego, duas palavras que têm o sentido primitivo de bem arrumado, de bom ordenamento, de boa disposição), esta Europa que agrupa um conjunto de países, de sociedades, de civilizações com as populações que habitam esses países, compõem estas sociedades, são portadoras destas civilizações, esta Europa não se define por estritos limites geográficos, de certo modo de fora, com grande reforço de mares, e montanhas, de rios e lagos, define-se de dentro pelas suas próprias manifestações, pelas grandes correntes que não cessam de a atravessar e desde há muito tempo: correntes políticas, correntes económicas, correntes intelectuais, científicas, artísticas, correntes espirituais e religiosas.<sup>12</sup>

Eduardo Lourenço considera que “Se a *Europa* alguma vez existiu foi no tempo do Império Romano. Existiu, depois, como entidade política e teológica, a chamada Cristandade e com as primeiras distensões surgiram dois lados:”<sup>13</sup>. O Oriente ortodoxo e o Ocidente romano. E são essas duas visões a que se acrescentou depois o Norte e o Sul da Europa”<sup>14</sup>. No entanto, para além da genuína falta de unidade europeia, o pragmatismo político tem funcionado, sobretudo em momentos de crise:

---

<sup>10</sup> ORTEGA Y GASSET, José - *A Rebelião das Massas*. Lisboa: Relógio D'Água, [s.d.]. p. 15.

<sup>11</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>12</sup> FEBVRE, Lucien - *A Europa. Génesis de uma Civilização*. Lisboa: Editorial Teorema, 1999. p. 25-26.

<sup>13</sup> LOURENÇO, Eduardo - “A Europa nunca existiu: só com o Império Romano”. *Jornal de Notícias* (10 de Dezembro de 2008) p. 9.

<sup>14</sup> Idem, *Ibidem*.

“paradoxalmente esta crise económica foi o primeiro sinal positivo nesta fase em que se marca passo. A Europa em resposta a uma crise que nos vem de fora, da América, surpreendentemente reagiu com uma certa coerência e com uma certa organicidade. E isso é um sinal que me parece dos melhores dos últimos anos<sup>15</sup>. Apesar destas reacções provocadas pelos acontecimentos, a História da União Europeia tem mostrado que **“em termos políticos não há cabeça para a Europa porque não há União Europeia nesse sentido”**<sup>16</sup>.

Mas, afinal, **“O que é a Europa? Nada”**<sup>17</sup>. A perplexidade da resposta de Eduardo Lourenço revela a essência do problema europeu: a sua falta de identidade. Curiosamente, essa falta de identidade é resolvida quando nos encontramos fora da Europa. Diz o ensaísta:

Eu sou muito europeu, como todos nós. Todos o somos, mais do que sabemos, mas só quando nos encontramos diante, ou no meio, de uma cultura que não seja europeia. Essa não – identidade, essa identidade virtual, feita apenas de negações, é um privilégio, extraordinário, uma promessa de futuro. Significa que outros povos poderão partilhar a nossa não – identidade: todos aqueles que não acreditam na afirmação egoísta de si próprios, que é o vírus da História.

A não – identidade é fantástica. É um lugar de abertura. Por isso não invejo tanto os povos que não sabem que o são. Não sabemos o que somos e essa é a verdadeira identidade do homem, já o dizia Sócrates. A essência do cristianismo não contraria isso: o ser supremo não é físico nem tangível. Mas se Deus não é físico nem tangível, mas um espaço de liberdade infinita não pode servir de pretexto para exercer violência contra os outros.<sup>18</sup>

Perante a evidência de que somos europeus, sobretudo sentida se fora da Europa, ou quando ameaçada a nossa “casa comum europeia”, a História da Europa vai-se fazendo entre projectos idealizados e realizações concretizadas, sobretudo, pela necessidade de responder aos acontecimentos que exigem, acima de tudo, salvaguardar a paz, e de encontrar um “espírito europeu” na História passada, capaz de fundamentar o presente e o futuro europeu. Assim como, se visualiza facilmente o continente europeu se visto da Ásia ou da América, também a história da Europa tem mostrado uma unidade interna sempre que ameaçada do exterior. Eduardo Lourenço lembra isso mesmo, embora com limitações, que mostram a ausência de uma voz única que represente a Europa perante o mundo:

A Europa não pode dar uma resposta eficaz aos problemas imediatos do mundo, porque, ainda que julgue ser tal, não é a recriação do Império Romano. A Europa está

---

<sup>15</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>16</sup> Idem, *Ibidem*, negritos nossos.

<sup>17</sup> LOURENÇO, Eduardo - “O que é a Europa? Nada”. *Courrier Internacional*. Nº 75. p. 14, negritos nossos.

<sup>18</sup> Idem, *ibidem*.

sempre a visitar Roma. Foi esse o paradigma que nenhuma nação conseguiu imitar. E é a matriz da União Europeia, no entanto, os melhores filmes de romanos continuam a fazer-se em Hollywood, o que demonstra que a Europa não acredita na ameaça do Islão. Fomos a milícia de Cristo na Contra – reforma, sonhámos que éramos os Quixotes do mundo quando fomos ao Oriente e à América, inventámos a nação. Agora não somos mais do que um conjunto de nações insatisfeitas e contraditórias, herdeiras de um passado selvagem e violento, forjado numa guerra civil permanente, O que é a Europa? Nada.<sup>19</sup>

Para Eduardo Lourenço “nenhum Tratado resolve os problemas da Europa, pode ajudar mas não soluciona. E agora, com esta crise, estamos num compasso de espera”. Este pensador defende que, “o problema não radica no Tratado de Lisboa, mas sim aquando dos primeiros chumbos, da França e da Holanda. Com isso, outros países europeus começaram a meditar e acharam que também não podiam ser tão entusiastas. O mau momento foi o Tratado de Nice, as coisas não correram bem. Só que as pessoas esquecem-se que as tradições nacionais são muito fortes”<sup>20</sup>. As fragilidades políticas europeias são tão fortes quanto são as suas indefinições geográficas, o que torna a sua História difícil de escrever num sentido de unidade.

## A Fragilidade Europeia

Seria um dos seus pais fundadores, Jean Monnet a reconhecer a fragilidade desta Europa: “A Europa jamais existiu. Não é a adição de soberanias reunidas em conselhos que cria uma entidade. É preciso criar verdadeiramente a Europa, é preciso que esta se manifeste face a si própria e face à opinião americana e que ganhe confiança no seu próprio futuro”<sup>21</sup>. Ele próprio conta nas suas *Memórias*<sup>22</sup> as dificuldades sentidas para construir a Europa, uma “Europa à procura de si mesma”<sup>23</sup>:

O tempo passava e a minha tentativa de criar um núcleo comunitário em torno do qual a Europa se organizaria acabava de fracassar com a única grande potência do velho mundo então em condições de assumir uma responsabilidade política dessa dimensão. Se pusessemos de parte a Alemanha...só a Itália e os países do Benelux associados entre si economicamente poderiam de forma válida enveredar connosco por uma forma de união. Mas as tentativas feitas nesse sentido não tinham consistência e só me interessei por elas de forma longínqua.<sup>24</sup>

---

<sup>19</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>20</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>21</sup> Carta de Jean Monnet ao presidente do conselho G. Bidault, 28 de Abril de 1950.

<sup>22</sup> MONNET, Jean – *Memórias*. Lisboa: Ulisseia, 2004.

<sup>23</sup> Idem, *Ibidem*, p. 269-291.

<sup>24</sup> Idem, *Ibidem*, p. 287.

Apesar das dificuldades, a Europa procurava encontrar um futuro, que passava por encontrar um interesse comum entre os Estados:

“Quando consideramos este período, que correspondia à metade do século, chama-nos a atenção a extraordinária efervescência intelectual que havia em torno do ideal europeu. Se lermos os manifestos dos partidos e dos movimentos militantes, as declarações dos dirigentes políticos e os artigos na imprensa – o *Economist* e o *Times* de Londres publicavam editoriais admiráveis dignos do *Federalist* de Jay, Hamilton e Madison –, temos o sentimento de que uma corrente de pensamento tão rica como essa só poderia levar à realização da mais ampla unidade europeia”<sup>25</sup>.

As *Memórias* de Jean Monnet descrevem um tempo em que o ideal europeu é o motor para a futura integração europeia, mas, que muito ficaria, ainda, por realizar, entre projectos e realizações. Ou seja, os anos imediatamente pós-guerra fixariam o ritmo da futura comunidade:

E é verdade que o vocabulário e a dialéctica comunitárias de hoje em dia já estavam fixados na época, mas isso não tinha nada a ver com a acção. Em 1946, em Zurique, Churchill apelava no sentido da criação urgente dos Estados Unidos da Europa – mas tinha em mente o Conselho da Europa. Em 1929, em Genebra, Briand preconizara uma *ligação federal* entre os povos da Europa – mas tinha especificado que os direitos soberanos dos Estados não seriam com isso afectados. Não obstante, a opinião estava convencida de que as fórmulas mágicas tinham sido pronunciadas e não compreendia que a realidade resistisse de forma tão obstinada.<sup>26</sup>

O realismo da acção comunitária contrastava com o ideal europeu. No entanto, era esse ideal que servia de inspiração ao pragmatismo político. As lições da História recente da Europa ensinavam que era necessário encontrar um meio termo entre projectos demasiado arrojados para a época e o imobilismo. Essas lições já vinham da paz falhada de 1919. Era preciso aprender com os erros: “Que fazer? A paz só pode assentar na igualdade... Falhámos a paz em 1919 porque lhe introduzimos discriminação e espírito de superioridade. Estamos a recomençar os mesmos erros”<sup>27</sup>.

Este aviso de Jean Monnet a Robert Schuman era, também, uma lição para todos os europeístas, do seu tempo e do futuro, de que a Europa teria mesmo de seguir pelo método dos “pequenos passos”. Esses pequenos passos levariam a um aprofundamento político, mas muito cauteloso, como lembra Jean Monnet: “Não me admirava então ouvir Robert Schuman declarar: *Devemos ter em vista transferências de soberania, sem dúvida, mas não é para amanhã*. Respondia assim a Adenauer, que oferecia à Europa a soberania que o seu país ainda não tinha recuperado. Pouco me importavam se tais

---

<sup>25</sup> Idem, *Ibidem*, negritos nossos.

<sup>26</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>27</sup> Idem, *Ibidem*, p. 289.

atitudes eram sinceras ou não, não se traduziam em nenhuma acção concreta”<sup>28</sup>. Tanto a Alemanha como a França pareciam retomar as bases económicas, sociais, estratégicas e culturais do Império de Carlos Magno. Cauteloso, Jean Monnet não faz a apologia do sonho de uma Europa carolíngia, total e imediatamente integrada. Preferia agir devagar mas em segurança. A Declaração Schuman de 9 de Maio ia nesse sentido, como observa Jean Monnet: “A paz mundial não poderá ser salvaguarda sem esforços criadores à medida dos perigos que a ameaçam. O contributo que uma Europa organizada e viva pode dar à civilização é indispensável à manutenção de relações pacíficas”<sup>29</sup>. Em tantas versões do documento referido, esta introdução subsistirá sem alterações. A Europa deveria ser organizada numa base federal, mesmo que alcançada inicialmente, apenas, na vertente económica. Os objectivos e o método da Comunidade Europeia estavam lançados. Agora só seria necessário avançar: “A França agiu e as consequências da sua acção podem ser imensas. Esperamos que o sejam. A França agiu essencialmente pela paz. Para que a paz possa verdadeiramente ter a sua oportunidade, é preciso, primeiro, que haja uma Europa”<sup>30</sup>.

Era esta a História da Europa que agora iniciava a sua marcha. Uma marcha imparável até à actualidade. Com avanços e recuos, a história não é em linha recta e os sonhos futuros revelam-se, muitas vezes, impossíveis de realizar no presente. São os problemas que vão surgindo que fazem a história, que exigem um caminho, um método. Os problemas da Europa funcionam como motor desta mesma Europa. Mesmo as hesitações, como a de Inglaterra nesta Europa, marcariam o seu estado de espírito neste percurso europeu.

A construção da Europa tinha de partir de vontades concretas, e avançar mesmo contra todas as vozes discordantes. Era o sábio conselho de Monnet: “Tratemos de ser bem sucedidos naquilo que estamos a fazer, e não nos deixemos determinar pela opinião que os outros têm de nós nem por aquilo que quereriam que fizéssemos”<sup>31</sup>. Os outros viriam ter connosco perante uma vontade firme. O próprio Eisenhower declarava:

A Europa não podia atingir dimensões à altura das capacidades e da inteligência dos seus habitantes enquanto estiver fragmentada. As fronteiras constituem um obstáculo ao interesse comum e à divisão do trabalho, impedem a circulação de mercadorias, favorecem a desconfiança, mantêm posições adquiridas. Ora os homens que vivem num presente medíocre não podem assegurar a sua própria segurança. Só realizando a sua unidade numa federação é que a Europa obterá essa verdadeira segurança, ao mesmo tempo que levará por diante o seu contributo para os progressos da civilização ocidental.<sup>32</sup>

Esse progresso seria no sentido da confederação, de uma unidade política sustentada por uma união económica. Como dizia Monnet, “Então as próprias realidades permitirão

---

<sup>28</sup> Idem, *Ibidem*, p. 291.

<sup>29</sup> Idem, *Ibidem*, p. 300.

<sup>30</sup> Idem, *Ibidem*, p. 308.

<sup>31</sup> Idem, *Ibidem*, p. 359.

<sup>32</sup> Idem, *Ibidem*, p. 362-363.

o surgimento da união política que é o objectivo da nossa Comunidade, isto é, o estabelecimento dos Estados Unidos da Europa”<sup>33</sup>. Tudo na vida, como na História, tem um momento certo: a Europa política seria criada a partir da Europa-Realidade. Essa realidade era composta por problemas económicos nacionais que passam a ser considerados problemas comuns através do método “federador” da Europa em construção. Uma Europa imparável, como estava convencido o visionário Jean Monnet:

Também nós vamos em direcção à nossa finalidade, os Estados Unidos da Europa, numa corrida sem regresso.

Mas o tempo passa e a Europa está a marcar passo no caminho por onde já avançou profundamente... Não podemos deter-nos quando à volta de nós o mundo inteiro está em movimento. Será que fiz compreender suficientemente que a Comunidade que criámos não é um fim em si mesma? A Comunidade é um processo de transformação que dá continuação àquele de onde resultaram as nossas formas de vida nacionais ao longo de uma fase anterior da história. Tal como no passado, as nossas províncias, hoje os nossos povos têm de aprender a viver conjuntamente, com regras e instituições comuns livremente aceites, se é que pretendem atingir as dimensões necessárias ao seu progresso e conservar o controlo do seu destino. As nações soberanas do passado já não são o quadro onde os problemas do presente podem resolver-se. E a própria Comunidade não é mais do que uma etapa em direcção a formas de organização do mundo de amanhã.<sup>34</sup>

Uma lição para aprender, um desafio para o século XXI, o de saber continuar a História da Europa, seja ou não, ainda, pela realização dos almejados “Estados Unidos da Europa”. Mostrará o curso da História que Jean Monnet tinha razão?

## Identidade e Diversidade Europeia

As discussões sobre a identidade europeia estão longe de chegar ao fim. Também enigmático continua o espírito europeu, sobretudo, sentido, ou melhor, parecendo ausente à medida que vão acontecendo os sucessivos alargamentos. Não estão em causa os limites físicos do continente, ou seja, aquela Europa que vai do Atlântico aos Urais. O que está em causa é a identidade europeia, que não pertence à geografia física mas à geografia humana. Aqueles atributos que caracterizam os europeus, seja em que continente se encontrem. Outro grande problema da História da Europa Contemporânea. Entre Portugal, França ou Alemanha já existiam diferenças consideráveis, aumentadas com as entradas de países como a Eslovénia, a Estónia ou Lituânia, ou, mais recentemente, da Bulgária ou Roménia. Como esboçar uma identidade europeia composta de tantas identidades? A este propósito José Mattoso também se interroga: “Existirão critérios objectivos suficientes para podermos falar de um espírito europeu, ou melhor, de uma identidade europeia? Que permitam, uma vez definidos, averiguar se um determinado

---

<sup>33</sup> Idem, *Ibidem*, p. 435.

<sup>34</sup> Idem, *Ibidem*, p. 530.

país ou nação se reconhece ou não nessa identidade?”<sup>35</sup>. A resposta do historiador é clara: “A meu ver, os homens associam-se a partir de certas crenças ou princípios que lhes servem habitualmente de referência e que são constantemente pressupostos por toda a gente”<sup>36</sup>. Estas crenças e princípios vão na linha das ideias-tipo de Max Weber, e para José Mattoso são identificados, no caso europeu, pela referência cristã, por uma concepção do mundo, pela racionalidade e encarnação e pela própria perversão do sistema que lhe serve de fundamento.

Nesta linha identitária está Edgar Morin, ao falar de uma consciência europeia, que se pode articular com uma consciência planetária. Diz o autor:

Deste modo a consciência europeia que se desenha em mim não me faz de nenhuma maneira rejeitar a consciência planetária. Nesta, aquela se provincializa. Esta minha consciência europeia não é filha da prosperidade europeia e ela não aposta em primeiro lugar no progresso da economia europeia no mundo. Ela vem-me daquilo a que Patocka chama a *miséria da queda, do ponto de vista último desta situação em que somos alvejados pela obscuridade*. Ela requer que se pense a Europa e se considere a sua *comunidade de destino* antes de encarar uma comunidade de desígnio.<sup>37</sup>

Neste sentido, existirá uma identidade europeia, provocada por esse “destino comum”, onde é possível vislumbrar essa Europa. Mas, Edgar Morin, admite que é difícil olhar a Europa a partir da Europa:

“É difícil discernir a Europa a partir da Europa. É provável que, a partir dos Estados Unidos, o continentezinho seja visto como uma espécie de enorme Disneyland, cheio de igrejas, palácios, solares, acrópoles, velhas aldeias, restaurantes gastronómicos, boinas bascas, chapéus tirolezes, holandeses com tamancos, sertakis, valsas de Viena.”<sup>38</sup>.

Estas coisas europeias, estes ares europeus, vistos pelos não-europeus, ainda não coincidem com a identidade europeia vista ao espelho do europeu. A Europa europeizou o mundo e acaba por mundializar esse europeísmo. Em si mesma, a identidade europeia é diversidade, é pluralidade, é uma perdida unidade.

Numa outra visão, Hans-Georg Gadamer propõe uma reflexão sobre a *Herança e Futuro da Europa*<sup>39</sup> num artigo onde salienta precisamente a “Diversidade da Europa” nessa herança: “Aprender a deter-nos perante o Outro como Outro, em face da natureza e das culturas orgânicas dos povos e dos Estados, e a experienciar o Outro e os Outros como os outros de nós mesmos, para conseguirmos uma participação recíproca”<sup>40</sup>.

---

<sup>35</sup> MATTOSO, José - “Portugal e a Europa”. *Op. cit.*, p. 130.

<sup>36</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>37</sup> MORIN, Edgar - *Pensar a Europa*. p. 26.

<sup>38</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>39</sup> GADAMER, Hans - George – *Herança e Futuro da Europa*. Lisboa: Edições 70, 2009.

<sup>40</sup> Idem, *Ibidem*, p. 28.

Neste perspectiva não há uma identidade, mas várias identidades. Gadamer fala como testemunha de uma história de guerras: “Com os meus oitenta e cinco anos, sou um dos filhos mais velhos do século”<sup>41</sup>. Um século marcado por duas guerras mundiais:

Estou muito longe de idealizar a história que precedeu as catástrofes das duas guerras mundiais. Em todo o caso, por sua causa produziu-se uma mudança tão colossal que não diz respeito apenas à posição da Europa no mundo e, com isso, a todas as expectativas de uma juventude que tanto então como agora procura o seu difícil caminho num panorama mundial incerto. A época de duas guerras mundiais deu dimensões globais a todas as coisas. Em política já não se trata do equilíbrio de forças na Europa, esse princípio fundamental de todas as actividades de política externa que todos compreendiam. Desde essa altura, trata-se de um equilíbrio global, da questão da coexistência de enormes concentrações de poder.<sup>42</sup>

A nova situação da Europa levou a essa globalização, em que já não há um continente identitário: “Já não nos encontramos em nossa casa, no nosso pequeno, segmentado, rico e diverso continente. Estamos implicados em acontecimentos, ameaçam-nos acontecimentos, que não se limitam à nossa pequena pátria”<sup>43</sup>. O mundo é mesmo essa “aldeia global”, em que todos têm que viver uns com os outros. Mais uma vez, a grande lição da História é a de que todos temos de aprender a viver uns com os outros. Como diz Gadamer:

Viver com o outro, viver como o Outro do Outro, eis a tarefa fundamental, que se impõe tanto à escala grande como à mais pequena. Assim como aprendemos a viver Um com o Outro quando crescemos e entramos na vida... assim também o mesmo se passa com as grandes formações da humanidade, com os povos e os Estados. Nisto a Europa tem a vantagem especial de ter podido e devido aprender mais do que outros países a viver com os outros quando os outros são diferentes.<sup>44</sup>

É neste discurso da apologia da diversidade, que aparece, também, a pluralidade das línguas europeias. Estas diferenças não afastam: levam-nos a (com) viver com os outros. Daí a defesa de uma unidade europeia no sentido político, e de uma diversidade cultural, também linguística: “Não creio em absoluto na meta de uma língua única, nem para a Europa, nem para a humanidade”<sup>45</sup>. Finalmente, eis o máximo a que podemos aspirar e chegar: ser com os outros.

Toda a História da Europa é a de um constante recomeço, um verdadeiro renascimento. Virá o novo tempo europeu ou outra noite no continente? Lucas Pires acreditava que, “seja como for, a Europa ocupa de novo o centro e a vanguarda da

---

<sup>41</sup> Idem, *Ibidem*, p. 7.

<sup>42</sup> Idem *Ibidem*, p. 9.

<sup>43</sup> Idem, *Ibidem*, p. 10.

<sup>44</sup> Idem, *Ibidem*, p. 26.

<sup>45</sup> Idem, *Ibidem*.

história, desta vez, porém, com mais espírito de competição do que de domínio – no hemisfério norte – e de mais solidariedade do que tutoria – no hemisfério sul”<sup>46</sup>. Mas o mais importante, é mesmo que a Europa se encontre consigo própria e com o mundo: “A Europa, seria de novo, pelo menos, o continente do centro”<sup>47</sup>. Por fim, “este renascimento passará, como outros passados, por um reconhecimento da sua identidade física, histórica e cultural. Caminhar-se-à assim dos aspectos mais reais para os mais ideais da identidade europeia: da geografia, através da história até à sua cultura”<sup>48</sup>. Afinal, na história da Europa, desta Europa, “o capítulo das dissemelhanças é tão importante como o das semelhanças”<sup>49</sup>.

## O projecto europeu

Apesar das dificuldades de escrever uma História da Europa, que mostre uma unidade intrínseca no projecto europeu, o ideal que tem movido a construção europeia continua a ter sentido. Os sessenta anos de construção europeia têm mostrado que o método dos pequenos passos tem resultado, apesar dos momentos de impasse provocados, precisamente, por tentar ultrapassar a dimensão económica que tem servido de motor à história desta comunidade de integração europeia. As dificuldades maiores têm surgido sempre que se pensa no aprofundamento político da união, muito particularmente sensível quando se pronuncia o termo de Constituição. A Constituição Europeia teria final mais feliz em Lisboa, parecendo que um Tratado prosseguia o curso normal da sua história.

A Europa como projecto esboçado no início da Construção Europeia em 1950, e a sua efectiva realização na actualidade, mostra a distância entre o ideal europeu e a realidade. A Europa como projecto político continua a ser um ideal, de alguns europeístas convictos. É a força ou fragilidade de uma integração que se tem revelado, sobretudo, económica. No entanto, o percurso europeu tem mostrado ir muito para além da actuação económica que marcaria a inicial Comunidade Económica Europeia (CEE), a própria Comunidade Europeia (CE), e chegaria à actual União Europeia. Desde o seu início que se ouviram frases que traçariam o seu destino: “We must built a Kind of United States of Europe”. Os ecos de Winston Churchill continuam a ser escutados pelos europeus, mais ou menos europeístas, mas a Europa política continua numa encruzilhada. Alguns atrevem-se a propor apurados que preferem seguir as pegadas de Robert Schuman e ouvir as suas palavras: “L’Europe ne se fera pás d’un coup, ni dans une construction d’ensemble”. A Europa dos pequenos passos está em marcha, muito longe da meta, sonhada por alguns, dos *Estados Unidos da Europa*. Será a Europa esse objecto político não identificado anunciado e reflectido por Jacques Delors?

No entanto, muitas iniciativas europeias continuam a mostrar que os ideais europeístas dos anos vinte do século XX continuam à espera da sua realização. Não se

---

<sup>46</sup> PIRES, Francisco Lucas – *Europa*. Lisboa: Difusão Cultural, 1993. p. 15.

<sup>47</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>48</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>49</sup> FEBVRE, Lucien - *Op. cit.*, p. 27.

vislumbram ainda os “Estados Unidos da Europa”, mas, a história recente da União Europeia mostra a consciência de aprofundar o projecto europeu.

A História da Europa apesar de ter uma longa história, continua a fazer-se na actualidade, num processo de construção europeia complexo mas imparável.

## Uma Europa da Cultura?

Os *Encontros para a Cultura na Europa*, em Paris, pretenderam afirmar a dimensão cultural da Europa, na sequência da *Conferência de Berlim* do ano anterior, intitulada precisamente *Dar uma alma à Europa*. Foi o reconhecimento de que na hierarquia dos valores, a cultura está acima da economia, e, se esta é uma necessidade da vida, são os valores culturais que sustentam a verdadeira vida. Essa já tinha sido a conclusão dos subscritores do *Apelo de Florença*, convencidos que depois da unidade económica e monetária, tinha chegado a hora do pensamento europeu se pronunciar. Para construir uma Europa politicamente unida, antes de mais, era necessária a difusão de um forte pensamento sobre a Europa.

Terá sido a hora dos políticos darem a voz aos intelectuais? É bom lembrar que foram os políticos que assumiram a necessidade cultural da Europa, propondo naquela *Conferência de Berlim* a elaboração de uma “Carta da Cultura”, em apêndice à própria constituição. Depois de Berlim, a ideia não morreu, com a assinatura de uma *Declaração a Favor de uma Carta de Intenções para a Europa e a Cultura*. Os seus signatários são unânimes em reconhecer que a “cultura está na origem da Europa onde vivemos”, e “comprometem-se a fazer da cultura uma prioridade da construção europeia”. Ainda que não saindo do domínio das intenções, é um bom princípio, ou, pelo menos o reconhecimento de que o processo de integração europeia, para chegar à maturidade, precisa da cultura como chave da sua identidade. Essa cultura não pode, apenas, ser herdada, precisando de ser continuada. É nela que se fundamenta o espírito europeu que não pode morrer, sob pena do fim da própria Europa. Sem as dimensões não materiais, essenciais à vida, a Europa seria um corpo morto, o continente decadente. Em suma, a alma da Europa é a sua cultura, um espírito animado por uma alma, um corpo pensante.

Para além de desesperadamente se procurar uma unidade na diversidade cultural europeia, tão presente em Fernando Pessoa, é o reconhecimento da cultura como elemento fundamental para definir a própria identidade europeia. Sob o lema “Unidos na Diversidade”, a Europa parece ter encontrado a âncora para a sua unidade. A expressão dessa unidade encontra-se na actual *Declaração de Berlim* que recorda os êxitos da UE, os seus valores e os desafios que se apresentam. Mais uma vez, a constatação de que não pode haver construção europeia sem uma Ideia de Europa. No seu preâmbulo, ficou registado o reconhecimento de que “A Europa foi durante séculos uma ideia, uma esperança de entendimento. A esperança tornou-se realidade. A unificação europeia trouxe-nos paz e bem-estar”. A história do passado foi aprendida para a união europeia futura: “A Europa é o nosso futuro comum”. A *Declaração de Berlim*, assinada a propósito das comemorações dos cinquenta anos de construção europeia, é um sinal do esforço apreciável dos responsáveis pela continuidade da Europa, e da sua intenção em aprofundarem a dimensão cultural da comunidade. Ontem como hoje, edificada

sob doze estrelas em círculo que simbolizam os princípios da unidade, solidariedade e harmonia entre os povos da Europa. É a constatação de que uma verdadeira unidade europeia tem fundamentos espirituais.

A História, como lembra Jacques Le Goff, mostra que em toda a Europa, da Escandinávia à Grécia e a Portugal, existem traços fundamentais de uma mesma cultura e de uma Europa política, que os “eurocepticistas” preferem ignorar em nome de uma Europa económica. Sem dúvida de que esta economia comum europeia é importante para criar um peso comparável com os Estados Unidos e a China. No entanto, a Europa Unida não pode ser suportada tão só por razões materialistas, sob pena do resultado final ser pouco mais do que uma grande zona económica, que pode ser tão rápida a construir quanto a sua destruição. Os verdadeiros europeus olham para bem mais longe. Aliás, o lema “unida na diversidade”, não será o mesmo que Jacques Le Goff aspira quando faz a apologia de “Por uma Europa cultural”?<sup>50</sup>

Passaram mais de cinquenta anos após a assinatura dos Tratados de Roma, realizada a 25 de Março de 1957, comemorados sob o slogan “Juntos desde 1957”, apelando à ideia de que, também juntos faremos a Europa. Um bom momento para fazer o balanço do passado e para a União Europeia acreditar no futuro. O passado mostra que a História da Europa é uma História de sucesso, de paz alcançada, liberdade, democracia, unidade do continente e até prosperidade material. Mas foi um passado vivido por seis personagens, agora é necessário encontrar uma nova história. O presente tem sido de reflexão, quase uma pausa, para a Europa se (re)pensar a si própria, motivada pelo aparente impasse da Constituição Europeia. A reflexão não deve ser estéril e, pelo menos, servir para o amadurecimento europeu, para a consciência da necessidade de uma verdadeira união/unidade europeia para juntos construirmos a Europa.

Mais recentemente, refira-se a proposta da ministra da Educação alemã, Annette Schavan, em pretender criar um Livro Europeu de História para os alunos dos 27 Estados membros da União Europeia<sup>51</sup>. Refira-se o livro já existente, um manual franco-alemão em que França e Alemanha contam juntas a história do pós-guerra<sup>52</sup>. Este livro avisa na introdução não pretender ser uma história franco-alemã mas um manual franco-alemão de história. O seu objectivo não é contar a história da França e da Alemanha, mas de partir de um ponto de vista assumido sobre as preocupações sociais, culturais, económicas e políticas do eixo Paris-Berlim<sup>53</sup>.

Esta obra pretende servir de modelo a um projecto mais alargado, cujos objectivos pretendem ser os de ensinar a História da Europa e de relançar os seus valores comuns. Para os estudantes, uma possibilidade de conhecerem o passado, o presente e idealizar

---

<sup>50</sup> GOFF, Jacques Le - “Por uma Europa Cultural”. *Jornal de Letras* (25 de Abril de 2007) p. 9.

<sup>51</sup> Veja-se “E se toda a Europa lesse o mesmo livro de História?”. *Diário de Notícias* (8 de Março de 2007) p. 2.

<sup>52</sup> “França e Alemanha contam juntas a história do pós-guerra”. *Diário de Notícias* (8 de Março de 2007) p. 3.

<sup>53</sup> Refira-se que esta obra intitulada *A Europa e o Mundo desde 1945*, está em vigor desde 2006/2007 para os alunos dos três últimos anos dos liceus de França e da Alemanha. Curiosamente, foi adoptado em Portugal no Liceu Francês e na Escola Alemã.

um futuro europeu, além de contribuir para construir uma verdadeira cidadania europeia. Podemos pensar em reescrever a História? Será que uma mesma história pode ser contada em vinte e sete versões que o mesmo manual pretende evitar? Esta História Comum Europeia aproximará os seus países? São, sem dúvida, problemas da história contemporânea.

## Reflexões Finais

Continuamos a interrogar o destino europeu. A velha Europa continua a olhar o seu enigmático futuro. Não se contentando com o seu passado, continua a sonhar com o seu regresso ao papel hegemónico no mundo, ou, em ser uma espécie de super-Europa que alimenta o imaginário europeu. Muitas vezes à beira do abismo, a Europa continua a sua marcha, encontrando “in-extremis” a solução possível para a vida de um projecto de integração. Muitos momentos mostram a desintegração de um projecto mais ambicioso. A Europa da civilização e da cultura estão longe dos calculismos dos políticos europeus. O sonho europeu está por realizar. Muito longe da sua realização, parece até que a Europa seguiu em sentido contrário a essa Europa cultural. A Europa económica é mais fácil de concretizar e tem mostrado a sua história de sucesso, fugindo da loucura da Europa – Ideia que, parece, um passado sem futuro: uma Europa sem forças para sonhar ou (re)lembrar esse Império Romano que está longe de alcançar.

A Europa precisa de voltar a existir, de nascer da utopia por realizar. O olhar da Europa sobre si é o momento de existir e assumir sobre si o seu destino. Uma Europa que deixe de ser cega. Uma Europa que abra os olhos e reconheça que não tem um número de telefone, para um telefonema de Kissinger a partir da América. Uma Europa que seja um actor de primeiro plano na história e política mundial. Finalmente, uma Europa que regresse à sua vocação universalizante e civilizadora.

Como dizia Marc Nouschi, “A legitimidade da Europa surgirá fortalecida, se for capaz de abandonar o jargão que a caracteriza para adoptar uma linguagem clara e definir estratégias tão mobilizadoras como as do passado”<sup>54</sup>. É preciso recuperar o passado para construir o futuro, num presente em que “A Europa vive, pois, um momento delicado e crucial. Ou se torna numa União e concretiza, assim, os sonhos mais ambiciosos dos *pais fundadores*, ou fracassa e não resulta senão no quadro de um mercado comum melhorado e ameaçado de diluição num sistema – mundo”<sup>55</sup>. Na mesma linha, Guy Verhofstadt defende uma maior integração da Europa, para poder ser verdadeiramente um actor mundial. Diz o primeiro-ministro belga que “a unificação europeia já foi, em tempos, o projecto mais promissor que existia. Hoje, a União Europeia encontra-se politicamente dividida e economicamente debilitada. Em momentos-chave como durante a guerra do Iraque, a União não consegue falar

---

<sup>54</sup> NOUSHI, Marc - *Em busca da Europa. Construção Europeia e Legitimidade Nacional*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996. p. 261.

<sup>55</sup> Idem, *Ibidem*.

em unísono”<sup>56</sup>. Que papel poderá desempenhar ainda a Europa? A resposta é clara: “Se a Europa quiser um actor mundial, terá de passar um processo de integração mais forte. Só uns Estados Unidos da Europa enérgicos poderão fazer face ao desafio e ir ao encontro das expectativas dos cidadãos”<sup>57</sup>. Este Manifesto para uma Nova Europa pretende que a Europa saia da encruzilhada onde se encontra há muito tempo. Contra os que pensam que há Europa a mais, este político defende que há Europa a menos e, por isso, é necessário fazer mais Europa, em que a ideia inspiradora será a dos Estados Unidos da Europa, única saída para o velho continente, um projecto político global para os Estados da Zona Euro – os pioneiros –, e uma confederação de Estados ou organização de Estados Europeus, para os outros.

Sobre a Europa, muito se tem escrito sobre o que foi, o que é ou o que virá a ser. Uns lamentam o seu declínio, a decadência da Europa, o crepúsculo da civilização Europeia<sup>58</sup>. Outros chegaram até a redigir-lhe a certidão de óbito<sup>59</sup>. Não faltam, também, os que olham para o seu futuro<sup>60</sup>. Ortega y Gasset aproveitou a lição da História para acreditar na realidade e possibilidade da Europa. Em plena Berlim arruinada proclama: “as nações europeias chegaram a um instante em que só podem salvar-se se logram superar-se a si mesmas como nações, quer dizer, se se consegue fazer vigente nelas a opinião de que a nacionalidade como forma mais perfeita de vida colectiva é um anacronismo, carece de fertilidade para o futuro; é, em suma historicamente impossível”<sup>61</sup>. Daí as repetidas lições do pensador sobre a Ideia de Europa, numa época de crise mundial, para mostrar que a História é mestra da vida, e a Europa o seu substrato histórico. Também Oswaldo Spengler na sua obra *Decadência do Ocidente*, lembra como tudo nasce, cresce e morre.

A História da Europa não terminou e, portanto, não podemos concluir o seu fim. Só conhecemos o seu passado, um passado vivido no século XX como “monstruoso, o mais monstruoso, sem dúvida, de uma longa História de violência, sem ter resolvido os problemas do século XIX”<sup>62</sup>. A unidade da Europa não sendo ainda uma realidade alcançada, só pode ser esboçada como futuro. Não podemos escrever o fim da História. O presente mostra que o projecto europeu está muito para além do fim inicial de salvaguardar a paz. A construção europeia continua a mostrar a possibilidade de um futuro europeu. Ainda não estamos perto da federação europeia, ou, como lembra Edgar Morin, “O desígnio de uma federação ainda não é um desígnio comum. Mas o destino comum está em gestação desde 1945. Embora ele não seja ainda visível à maior

---

<sup>56</sup> VERHOFSTADT, Guy - *Os Estados Unidos da Europa*. Lisboa: Manifesto para uma Nova Europa, Gradiva, 2004. p. 8.

<sup>57</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>58</sup> Cfr. REYNOLD, Gonzague de - *L'Europe tragique*. Paris: Éditions Spes, 1935. p. 398-401.

<sup>59</sup> FRANK, Waldo - *Redescobrimento de América. Los últimos días da Europa*. Madrid: Revista de Occidente, 1930.

<sup>60</sup> ORTEGA Y GASSET, José - “De Europa Meditatio Quaedam”. In *Meditación de Europa*. Madrid: Revista de Occidente, 1966.

<sup>61</sup> Idem, *Ibidem*, p. 46.

<sup>62</sup> SOULIER, Gérard - *A Europa. História, Civilização, Instituições*. Lisboa: Editora Piaget, 1997.

parte dos Europeus, ele impõe-se-lhes, apesar de todas as diferenças ou desigualdades de situações e de problemas”<sup>63</sup>.

A Europa está em crise como, de resto, o mundo inteiro: “Tudo está em crise na crise planetária, feita da conjugação de uma miríade de crises, económicas, sociais, políticas, culturais, religiosas, morais, intelectuais. A nebulosa espiral da humanidade desfaz-se no próprio momento em que procura ascender ao ser”<sup>64</sup>. E num rasgo visionário, Edgar Morin anuncia uma Europa “ferida de morte”, mas tranquila. Não podem ser mais pertinentes e actuais as suas palavras:

A bomba encontra-se sobre ela, mas a Europa está tranquila; ela está no centro do perigo, mas encontra-se fora da história. A Europa está na periferia da idade de ferro planetária, mas não pode sair-se sozinha. À sua volta, o mundo encontra-se agónico. A palavra *agonia* significa luta angustiante, conflito interno. Todo o nascimento, como toda a morte, é agónico. Encontramo-nos na agonia de um mundo que não consegue nascer porque nos encontramos na agonia de um mundo que não consegue morrer. Não sabemos qual das duas será finalmente, a agonia da morte ou a agonia da nascença. Nós já não temos futuro visível.

O mundo encontra-se na noite e no nevoeiro, os quais cobrem também a Europa. Já o dissemos: não sabemos se a meia Europa subjugada se libertará, se a meia Europa livre será subjugada, se a Europa será finalmente marginalizada, vassalizada, helvetizada, helenizada, atomizada. Antes de fazer planos e rataplães precisamos de inscrever a incerteza no nosso pensamento, ligar risco e sorte no nosso espírito, fazer a aposta da Vida perante o Nada.

Nesta incerteza, temos pelo menos a certeza de que uma nova metamorfose da Europa começou.<sup>65</sup>

Qual é o problema da Europa? É um problema à escala planetária: <sup>66</sup> “Pois por onde a planetarização progride pela hegemonia e pela homogeneização, por aí regride. Assim, tendo-se transformado tecnicamente efectiva, ela não se efectua para a humanidade dividida e dilacerada em nações, impérios, raças e religiões”.

O futuro é incerto e parece longínquo: “Eis- nos longe da *luta final*, do *fim da história*, do cumprimento da civilização, como o esperávamos há trinta anos. Encontramo-nos, pelo contrário, numa nova luta inicial”<sup>67</sup>. Não conseguimos responder aos desafios do século e parecemos recuar na história: “Não no momento da realização do espírito humano, mas ainda na sua pré-história. Nós não conseguimos ainda responder ao desafio da complexidade do real; estamos ainda na era bárbara das ideias”<sup>68</sup>.

---

<sup>63</sup> MORIN, Edgar - *Pensar a Europa. Op. cit.*, p. 133.

<sup>64</sup> Idem, *Ibidem*, p. 155.

<sup>65</sup> MORIN, Edgar - *Pensar a Europa*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1988. p. 167-168.

<sup>66</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>67</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>68</sup> Idem, *Ibidem*.

A Europa contemporânea precisa da História para compreender o seu passado e ter a consciência do seu destino. A História é uma dimensão fundamental para a reflexão sobre a Europa. Continua a fazer sentido a interrogação de Lucien Febvre sobre o grande problema da Europa: “A Europa, uma noção ultrapassada? – ou uma necessidade vital para o progresso do mundo? Devemos sonhar com a Europa – ou poupar-nos a esta noção ultrapassada?”<sup>69</sup> Ou, como dizia Francisco Lucas Pires, “A Europa é hoje, antes de tudo, o nosso problema mais real”<sup>70</sup>. Tudo é indeterminado, como em qualquer aventura, ou, como pensava Lucas Pires, “sem a ilusão de fixar um fim a uma aventura que sempre foi no essencial a da própria liberdade e permanente reinvenção da história”<sup>71</sup>. Afinal, “é neste contexto incerto e louco que deve edificar-se a Europa. Ainda que tenha a sua própria comunidade de destino, ela não pode escapar ao destino comum da humanidade”<sup>72</sup>. O problema da Europa continua, mas, “eis-nos chegados ao termo da nossa viagem! Eis-nos chegado à grande questão: Europa... Europa..., palavra fetiche, palavra remédio, palavra de salvação. Realizemos a Europa. Criemos a República Europeia”<sup>73</sup>.

---

<sup>69</sup> FEBVRE, Lucien - *A Europa. Gênese de uma Civilização*. Lisboa: Teorema Editora, 2001.

<sup>70</sup> PIRES, Francisco Lucas – Prefácio. In MELLO, Manuel José Homem de - *Portugal, a Europa e o Futuro*. Lisboa: Editorial Notícias, 1990.

<sup>71</sup> PIRES, Francisco Lucas – *Europa. Op. cit.*, p. 15.

<sup>72</sup> MORIN, Edgar - *Pensar a Europa. Op. cit.*, p. 155.

<sup>73</sup> FEBVRE, Lucien - *Op. cit.*, p. 307.